

ARTIGO

3ª EDIÇÃO | 2022

OS VALDENSES E A TRADIÇÃO CARISMÁTICA PRÉ-REFORMA

Magno Paganelli



OS VALDENSES E A TRADIÇÃO CARISMÁTICA PRÉ-REFORMA

Magno Paganelli¹¹

RESUMO

Os valdenses, grupo marginal às tradições cristãs no Medievo, têm sido menosprezados nas historiografias católica e protestante. A atenção que se dá a eles nos livros textos é pífia e por vezes são tratados como heréticos, especialmente na tradição romanista. No entanto, as pesquisas mais recentes estão revendo o perfil teológico doutrinário do grupo, suas raízes e o contexto em que surgiram, e colocando-os em outro grupo, especialmente dentro do cenário do período pré-Reforma. Neste artigo, apresentamos os resultados parciais de uma pesquisa recente a ser publicadas, dando destaque para os elementos constitutivos do movimento pentecostal.

Palavras-chave: Valdenses, carismática, tradições cristãs

ABSTRACT

The Waldensians, a group marginal to the Christian traditions in the Medieval period, have been despised in Catholic and Protestant historiographies. The attention given to them in textbooks is paltry and they are sometimes treated as heretics, especially in the Romanist tradition. However, the most recent research is reviewing the doctrinal theological profile of the group, their roots and the context in which they emerged, and placing them in another group, especially within the pre-Reformation period scenario. In this article, we present the partial results of a recent research to be published, highlighting the constitutive elements of the Pentecostal movement.

Keywords: Waldensians, charismatics, Christian tradition

¹¹ Pós-doutorando pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP), Doutor em História Social (FFLCH-USP), Mestre em Ciências da Religião (Mackenzie). É escritor com 35 obras publicadas e professor na FAESP.

A tradição carismática pré-Reforma e os valdenses

“Eles falam em outras línguas”, de John L. Sherrill (2005), se tornou um clássico da literatura pentecostal. O autor, jornalista anglicano norte-americano, foi convidado a escrever um artigo sobre os cristãos que falavam em línguas em Los Angeles no início do século XX. Ele investigou, leu e fez entrevistas, algumas com quem havia estado em Azusa Street. Sherrill chegou a gravar pessoas orando em línguas e levou o áudio ao departamento de línguas de uma universidade, onde ouviu dos especialistas que eram línguas conhecidas: um novaiorquino falando árabe arcaico, hebraico falado por um irlandês entre outros. Por fim, o próprio Sherrill falou em línguas estranhas e escreveu a obra que vendeu milhões de exemplares, inclusive no Brasil.

Considerado um grupo marginal dentro do Cristianismo Medieval, os valdenses foram parte de uma tradição que remonta aos apóstolos, passando pelo movimento monástico que se estendeu desde o século III até o seu auge, próximo da virada do primeiro milênio. Após esse período, surgiram os valdenses, cuja história tem sido relegada a segundo plano nas obras sobre o Cristianismo, tanto católico quanto protestante. Diante disso, pretendemos apresentar algo como uma remissão de muitas distorções cometidas por ambos os grupos mencionados, inserindo-os numa tradição fiel aos postulados da Reforma Protestante do século XVI.¹²

Ainda que uma publicação comercial, a obra de Sherrill deu excelente contribuição ao resgatar situações nas quais surgiram alguns elementos que se tornaram identitários da tradição pentecostal. Já na segunda metade do segundo século, surgiram as primeiras queixas entre cristãos de que a Igreja havia perdido parte de seu fervor espiritual. Um reavivamento liderado por Montano (séc. II-III), mobilizou cristãos a resgatarem o fervor do Pentecoste, buscando as mesmas manifestações observadas naquele evento. Guardados dos devidos exageros que hoje se conhece sobre o montanismo, Sherrill diz que:

A princípio, o montanismo foi bem recebido. Dois dos mais respeitados e influentes dos primeiros chamados Pais da Igreja, Tertuliano e Irineu, encontraram nesse movimento muito do que necessitavam, e deram-lhe o seu apoio. Mas, aumentando as línguas e outros fenômenos carismáticos, Roma temeu os excessos. E o montanismo foi declarado herético, e nem mesmo a influência de Tertuliano e Irineu pôde suavizar a acusação (SHERRILL, 2005, p. 102).

Agostinho também consta da obra de Sherrill. O teólogo escreveu: “Ainda fazemos o que os apóstolos fizeram, quando impuseram as mãos sobre os samaritanos e invocaram o Espírito Santo sobre eles, mediante a imposição das mãos. Espera-se que os convertidos falem em novas línguas” (SHERRILL, 2005, p. 102).

¹² Este artigo foi extraído e adaptado da obra **Os Valdenses, uma história dos precedentes da Reforma**, a ser lançada neste ano pela Geo Editora.

Sherrill menciona Pacômio, fundador do primeiro mosteiro cristão cenobita¹³ no Egito, entre os anos 320 e 325. Segundo Sherrill, ele era capaz de falar grego e latim, “idiomas que não havia aprendido. Essa misteriosa habilidade de falar em um idioma não aprendido aparece novamente nos séculos catorze e dezesseis, nas vidas de Vincent Ferrer e Francisco Xavier” (SHERRILL, 2005, p. 102-103).

Ao mencionar as línguas associadas ao começo de muitos dos grandes reavivamentos, John Sherrill coloca os primeiros valdenses como um grupo que falou “em línguas desconhecidas” (SHERRILL, 2005, p. 103).

O pentecostalismo se tornou uma abordagem teológica dentro do protestantismo. O pentecostalismo clássico privilegiava as manifestações visíveis, como a *glossolalia* (falar em línguas desconhecidas) e as curas divinas. Olhando mais detidamente, essas marcas são aprofundadas, como destaca Leonildo Campos,¹⁴ nas seguintes ênfases: a necessidade de conversão/novo nascimento; a santificação, decorrente do contato com o movimento *holiness* e o movimento metodista de John Wesley; cura divina, que Campos atribui a uma particularidade relacionada a doenças sofridas por Charles Parham; a volta de Jesus à Terra para inaugurar o milênio; o retorno do Espírito Santo na forma de um “batismo de fogo”, “coisa que provocariam sinais físicos particularmente, o falar em línguas desconhecidas” (CAMPOS, 2012, p. 155), fruto, ao menos em parte, da escola de Parham e seus alunos.

Estes são os principais elementos distintivos do movimento pentecostal em seu período clássico (como os estudiosos do campo têm chamado), posto que na implantação no Brasil, outros fatores de ordem teológica e eclesiástica foram herdados dos batistas, portanto, de ampla natureza entre o protestantismo tradicional.

Sendo esses os principais elementos distintivos do pentecostalismo, Eddie Hyatt (2021) concorda com Sherrill sobre a inclusão dos valdenses entre grupos carismáticos.¹⁵

Os valdenses procuravam no Novo Testamento o padrão para suas vidas e seus ministérios. Dessa maneira, estavam abertos ao ministério sobrenatural do Espírito Santo e o experimentavam. O *New international dictionary of the christian church* [...] atribui aos valdenses, “visões, profecias e possessões espirituais [êxtase]” (HYATT, 2021, p. 95).

A Confissão Valdense (1431), trata a cura como parte essencial de sua doutrina:

Assim, no que concerne à unção dos doentes, nós defendemos que seja um artigo de fé, e professamos sinceramente do coração que os doentes, quando

¹³ O termo **cenobita** vem de *koinos bios*, vida comum. A ideia de *koinonia*, a vida de igualdade nas roupas, refeições, mobílias, vem com Pacômio. Seus monges comiam, trabalhavam e adoravam, cumpriam horários rígidos e fixos, executavam trabalhos manuais, usavam uniformes e a disciplina era rigorosa.

¹⁴ Leonildo Silveira Campos é uma reconhecida autoridade no estudo do pentecostalismo brasileiro e norte americano.

¹⁵ Tomando aqui a expressão carismático no sentido do uso dos *charismata*, dons cf. 1Coríntios 12.1-11, não no sentido histórico fundacional de uma tradição, como no início dos anos 1960 entre outros grupos protestantes.

rogam por isso, podem ser literalmente ungidos com óleo por quem estiver unido com eles em oração, para que haja eficácia na cura do corpo, de acordo com o objetivo, a finalidade e o efeito mencionados pelos apóstolos, e professamos que essa unção, se realizada de acordo com o objetivo e a prática dos apóstolos, será frutífera e resultará em cura (HYATT, 2021, p. 96).

Por fim, Hyatt destaca a presença intensa do Espírito Santo entre os valdenses, em função da responsabilidade que assumiam de pregar o Evangelho, batizar e ministrar a Santa Ceia. Para os valdenses, diz Hyatt, “a base do ministério era mais a unção, ou concessão de dons do Espírito, do que a indicação institucional ou o ordenamento” (HYATT, 2021, p. 96). Aqui, entende-se a expressão “mais unção”, como a confiança e dependência da capacitação do Espírito para a obra de evangelização realizada pelos valdenses, o que aponta para o fato de que eles criam serem os dons ou carismas acessíveis à igreja de seu tempo. Isso fica reforçado quando Hyatt acrescenta “a concessão dos dons do Espírito” na sequência da frase.

Mas, afinal, quem foram os valdenses, esse grupo pouco conhecido e destacado na historiografia protestante e mencionado como hereges na historiografia católica? É disso que nos ocuparemos resumidamente a seguir.

Os valdenses, precursores carismáticos da Reforma Protestante

Na história da Reforma, nomes como Lutero e Calvino têm sido apontados como os grandes luzeiros daquele movimento amplo, pois cobriu não somente a teologia, mas a economia, os costumes e a vida social. Para que pudesse ser desencadeada, os reformadores receberam influências de diferentes setores da sociedade europeia e se tornaram o ápice de diversos interesses, seculares, populares e religiosos.

Além dos reformadores, existiram pré-reformadores, indivíduos que deram contribuições particulares de grande importância e repercussão, como Girolano Savonarola, John Wycliffe, Jan Hus e tantos outros. E houve os grupos ou movimentos pre-reformistas que, como que orquestrados ou agindo em coordenação, também tiveram importância singular para a construção desse que foi um dos mais marcantes e representativos marcos na História da Igreja.

Laura Thomé, que dissertou sobre os valdenses dentro de uma ótica catolicista, notou um quase silêncio na literatura protestante ao comentar: “[...] estranhamos que os valdenses, tão importantes na literatura confessional protestante não merecessem mais que poucas linhas na maioria das obras que consultamos” (THOMÉ, 2004, p. 6).

Embora hoje seja um pequeno grupo em certas regiões da Itália e no nosso vizinho Uruguai, a igreja valdense reúne número substancial de seguidores e uma das trajetórias mais belas e comoventes da História. Perseguições, perseverança, seriedade, dedicação, severidade, mortes, coragem, são muitos os adjetivos que podemos utilizar para marcar cada fase ou etapa do surgimento, atuação e presença desse grupo:

As raízes da história dos valdenses podem ser identificadas entre os séculos IX e X, seguindo até os nossos dias. Assim, fizemos um recorte cronológico do início dos rumores do seu aparecimento até a Reforma Protestante, no século XVI, tem quando os valdenses tinham consolidada rede de “instituições”, como destaca J. A. Wylie (1860, p. 25).

O grupo que conhecemos por “valdense” esconde a natureza real de suas origens, ora sendo apresentado como a população dos vales alpinos, ora como descendentes ou seguidores de Pedro Valdo (ou Waldo). Porém, distintamente de serem ou não oriundos deste ou daquele meio, uma coisa é certa: nas palavras de Luis Jourdan, autor do *Compendio de Historia de los Valdenses*:

Levavam uma vida simples; eram modestos na maneira de vestir-se, fugiam do luxo; não se dedicavam ao comércio para não serem expostos à mentira e à fraude. Viviam de seu trabalho e quase todos os pastores tinham um trabalho para ganhar o seu sustento; não amontoavam riquezas, conformando-se com o necessário; eram moderados no comer e no beber, e não frequentavam as tabernas nem os bailes para evitar a distração [das coisas de Deus]. Se distinguiram pela simplicidade de sua fé, a pureza de sua vida e a integridade de seus costumes. Em uma palavra, tratavam de seguir todo o exemplo dos apóstolos e de Jesus Cristo, cabeça e chefe da Igreja (JOURDAN, 1901, p. 16).

Os valdenses admitiam o Credo dos Apóstolos, o Antigo e Novo Testamento e, em linhas gerais, as doutrinas estabelecidas na Patrística, opondo-se às inovações de Roma. Admitiam a Trindade e aceitavam que o pecado entrou no mundo por meio de Adão, que somente em Cristo se poderia alcançar a paz e a justiça, ensinando que Cristo morreu para salvar aqueles que Nele cressem e ressuscitou para justificá-los.

Contexto

O panorama social e religioso que propiciou a Reforma não se deu apenas entre os estratos elevados da Igreja, uma Igreja impositiva. Houve movimentos leigos, com destaque para dois, ambos na França. O primeiro foram os albigenses ou cátaros.

[...] por cátaros, que em grego significa puros, tendo sido assim denominados pelo abade Egberto de Shonaugen [...] mas também por outras denominações, como patarinos, *publicani*, Bourges, por confusões com os católicos da pataria milanese, os paulicianos ou bogomilos (localizados na Bulgária, donde Bourges). Além desses, são também conhecidos pelo nome de albigenses, em referência a cidade de Albi (THOMÉ, 2004, p. 69).

Tendo surgido em Albi, consideravam-se “puros” e tentavam seguir os ensinamentos do Novo Testamento. Tinham ideias dualistas e ascéticas, como os maniqueístas. A salvação, para os albigenses, é a libertação da luz divina sobre a alma e a libertação do corpo, algo próximo às ideias gnósticas. Assim, condenavam as guerras, o casamento e até o ato de comer. Levavam uma vida

de pobreza, celibato e vegetarianismo. Os cátaros foram condenados durante o Concílio de La-trão, em 1179, ocasião em que os valdenses, foram admitidos pelo Papa Alexandre III. Os valden-ses puderam realizar parte dos seus objetivos e o Papa usou a energia dos valdenses para com-bater o que era considerada a heresia cátara na região lionesa (THOMÉ, 2004, p. 72).

Os valdenses, nome dado a um grupo associado a Pedro Valdo de Lion, tentaram reformar a Igreja por dentro. Eles foram acolhidos pelo Papa Luciano, embora fossem proibidos de pregar. Em 1184, o grupo foi excomungado e desde então sofreu forte perseguição. Para os valdenses, entre os principais “pecados” estava a intermediação do clero. Os valdenses iam além, negando a existência do purgatório e o valor das orações aos santos. Causaram muito barulho nos meios em que estiveram presentes e foram acusados de rejeitar todos os aspectos físicos da Igreja, como templos, cemitérios e altares, sem falar da condenação a elementos como água benta, li-túrgias, romarias e indulgências.

Sobre o caminho para a salvação, doutrina primordial no Cristianismo, os discípulos de Valdo focalizavam mais o sofrimento e a pobreza do que a graça de Deus. Luigi Francescon, fun-dador da Congregação Cristã no Brasil, surgida em 1910 no país, fez parte de uma igreja valdense na Itália, país que ainda hoje conserva comunidades ligadas àquele movimento, assim como o vizinho Uruguai.

Quem foi Pedro Valdo?

No primeiro momento, quando pensamos num movimento que causou algum incômodo ao clero romano, nós o temos nomeado como valdenses, que, como todo e qualquer movi-mento, sugere refletir e levar o nome de um líder ou algo do tipo. Nesse sentido, os valdenses podem derivar seu nome, como investigou W. S. Gilly,¹⁶ de “Valdo, Waldo, Valdès, Valdesius, Valdius, Valdensis, Waldeius e Waldensis”. (GILLY, 1841, p. 42). Valdès ou Valdo parece ser a de-nominação certa para este indivíduo que teve seu primeiro nome associado ao grupo, o que não parece ser certo sobre a origem ou localização onde os seus seguidores reuniram-se inicial-mente. O que não há consenso, talvez menos ainda indícios, é porque as menções ao nome Pe-dro ocorrem e como e onde essas ocorrências se deram pela primeira vez.

Gilly indica que “Petrus [Pedro] ocorre [...] pela primeira vez, em um livro latino de Pedro de Polichdorf [que em nada se parece com Valdès ou Valdo], escrito durante a segunda metade do século XIV” (GILLY, 1841, p. 47). Entre as opções que sugere sobre o local de nascimento de Pedro estão nomes como Vaud, Vaux, Vaudram.

¹⁶ William Stephen Gilly (1789-1855) encabeçou as tentativas inglesas de ajudar os valdenses, incluindo a criação de uma faculdade para treinar seus pastores. Ele se tornou um notável agitador da reforma social no nordeste da In-glaterra, onde foi vigário de Norham e prefeito da Catedral de Durham, tendo trabalhado nesta cidade para aliviar a pobreza local e defendido os hindus e os trabalhadores itinerantes da região das fronteiras. Ele publicou muitos livros e artigos e escreveu uma das principais histórias sobre Pedro Valdo e os Valdenses.

Laura Thomé informa que “no verbete Valdo e Valdesi, na *Enciclopedia Cattolica*, a origem do nome, do francês vulgar Valdes, é dado como derivado de um vilarejo do Delfinado, onde teria nascido, Vaux-Milieu, sendo que Pedro ou Pierre só teria sido agregado a seu nome tardiamente, por volta de 1368” (THOMÉ, 2004, p. 87-8).

Se inicialmente há dúvidas sobre as origens de seu nome e o local de ascendência, maiores são as questões que podem ser levantadas sobre a data de seu nascimento, para a qual há um silêncio nos documentos e na historiografia.

Um ponto de partida considerado autêntico tem sido dado como “a primeira menção [...] ao reformador gálico” surge na *Chronicle of Laon*, publicada em 1173 (GILLY, 1841, p. 44). Na obra, Pedro aparece como de fato o temos conhecido, como um cidadão da região galaica de Lyon (ou Lião), na atual França, mas à época “importante local de comércio, na divisa entre a Borgonha (feudo do Santo Império) e o reino franco, submetida ao domínio feudal de seus bispos” (THOMÉ, 2004, p. 26). O texto diz que era cidadão de considerável riqueza, a qual teria sido acumulada “pela prática de usuras” (GILLY, 1841, p. 44; Thomé, 2004, p. 87). Thomé assevera ter sido “um representante da burguesia mercantil” (THOMÉ, 2004, p. 26)

Sendo uma pessoa de posses, poderíamos sugerir que levasse uma vida tranquila em relação às preocupações naturais da vida comum, mas a *Chronicle of Laon* (Crônica de Láon) dá conta de que a segurança nas garantias deste mundo foi abalada num evento ocorrido quando, num domingo de 1173, Pedro Valdo ouviu trovadores que avançavam na rua em procissão, recitando passagens do poema de Romaunt, chamado “A vida de Alexis”, um santo católico. Uma das versões da história conta que Valdo os teria convidado para entrar em sua casa, onde ouviu atentamente a história do santo, cuja lenda diz que teria abandonado a vida abastada na casa de seu rico pai, e deixando a noiva no altar, partiu para dedicar-se a uma vida de mortificação da carne e pobreza.

Depois de sete anos Alexis teria voltado, agora com a aparência de um mendigo e por alguns anos se dispôs a receber alimento diário de seu pai, sem que esse soubesse que se tratava de seu filho. Em sua morte, um escrito que deixou revelou a sua verdadeira identidade, deixando a todos impressionados. Essa história teria provocado uma profunda impressão em Pedro Valdo, que procurou o sacerdote em sua cidade para saber o que deveria fazer para unir-se a Cristo e alcançar a perfeição, à exemplo do santo Alexis.

Ao ser questionado, o sacerdote teria respondido o mesmo que Cristo ao jovem rico: “Se queres ser perfeito, vai, venda os seus bens, doe o dinheiro aos pobres” (Mateus 19.21). Valdo fez isso, não sem antes ter colocado seus dois filhos no convento de *Fontevrault*, uma fraternidade fundada em 1103, chamada “Os pobres de Cristo”, dirigido por uma mulher. Ele passou a alimentar os pobres três dias por semana e durante uma festividade da Assunção da Virgem Maria, proclamou publicamente sua intenção de abandonar os ganhos financeiros e seu serviço a *Mamon*, o deus da riqueza, e atender a vocação divina. Em seguida, conclamou os presentes a seguir o seu exemplo (GILLY, 1841, p. 46).

A esposa de Valdo, aterrorizada, apelou ao bispo de Lyon. O bispo local, acompanhado do bispo de Bourg-en-Bresse, aconselharam Valdo. Nada, porém, o demoveu de seu ardor pela nova vida. Ao contrário, ele insistiu em sua autonegação da vida anterior e com isso “aumentou o número de seguidores que passaram a imitar o seu exemplo, abraçando voluntariamente a pobreza e ministrando generosamente às necessidades dos pobres” (GILLY, 1841, p. 46).

Os mendigos [...] estão presentes nas cidades, são aceitos como instrumentos que permitem aos ricos o exercício da caridade cristã que lhes salvará as almas, mas expõe o contraste entre a prática e o discurso da Igreja proporcionando a soma de condições que permitirão o aparecimento de heresias que estiveram próximas de movimentos sociais como a dos valdenses [...] (THOMÉ, 2004, p. 5).

Mas o que fez de Pedro Valdo comparável a um homem santo que tomou medidas para mudar as coisas em seu tempo? A começar pelo caminho aparentemente mais árduo, mexer nas bases da fé cristã (e com reflexos na instituição da Igreja), Valdo empregou o seu tempo e parte dos recursos que dispunha na tradução¹⁷ das Escrituras para a língua das comunidades majoritárias na região (ainda não existia o conceito de países ou nações), como na promoção da circulação dos textos traduzidos sob seu patrocínio.

Traduzir e distribuir os textos sagrados foi um gesto que veio na contramão das novas práticas da Igreja e de um papado infalível, defendido pela igreja romana, que não permitia o acesso do povo às Escrituras. E mesmo se quisesse, a maioria esmagadora era analfabeta. “Valdo desagradou ao clero lionês quando mandou traduzir para o provençal, livros das Escrituras e passou a pregar (prerrogativa da Igreja), fazendo seguidores” (THOMÉ, 2004, p. 26).

Valdo não malhou em ferro frio; embora à margem do caminho oficial, sua empreitada encarregou-se do material que forjava, sendo auxiliado por acadêmicos e peritos em escritos sacros. Bernardo de Ydros (que posteriormente ganhou grande estima entre os dominicanos), Stephen de Ansa (ou Empsa), gramático e linguista, e John de Lugio, biblista de elevada reputação, que se tornou líder da congregação na Lombardia. Cada um dos três cuidou de um aspecto durante a produção da nova versão da Escritura, como correção e inspeção, e o preparo do material para que os copistas multiplicassem as cópias para circulação (GILLY, 1841, p. 48).

Para suplementar a sua tradução da Escritura, julgou necessário um aparato histórico que pudesse ser útil no entendimento do contexto original da mesma e, para isso, providenciou uma

¹⁷ “Há razões para acreditar, a partir de [...] pesquisas históricas, que os valdenses possuíam o Novo Testamento no seu vernáculo. O ‘Lingua Romana’, ou língua Romaunt, era a língua comum do sul da Europa a partir do oitavo até o século XIV. Era a língua dos trovadores e dos homens eruditos na Idade das Trevas. [...] Esta língua — o Romaunt — foi a primeira tradução de todo o Novo Testamento feita assim desde o princípio do século XII. Este fato Dr. Gilly tem se esforçado muito para provar em seu trabalho, a versão Romaunt do Evangelho segundo João. [A versão Romaunt do Evangelho segundo João, a partir do manuscrito preservado no *Trinity College* de Dublin, e na *Bibliothèque du Roi*, Paris. [...] Esta versão Romaunt foi a primeira tradução completa e literal do Novo Testamento da Sagrada Escritura, que foi feita, como o Dr. Gilly, por uma cadeia de provas, amostras, muito provavelmente, sob a superintendência e à custa de Pedro Waldo de Lyon, não mais tarde do que 1180, e por isso é mais antiga do que qualquer versão completa em alemão, francês, italiano, espanhol ou inglês”. (Wylie, 1860, p. 11-12).

coleção de textos dos Pais da Igreja, como Ambrósio, Agostinho, Gregório e Jerônimo. Esses textos antigos incrementaram a sua edição da Escritura e serviram como comentários para que os leitores pudessem aprofundar o entendimento daquilo que liam no texto traduzido. Isso era demais para a Igreja oficial, que sequer permitia ao povo o acesso a qualquer forma de material sagrado (GILLY, 1841, p. 49).

O resultado foi que, tendo aprendido e memorizado porções da Bíblia, um exército de seus discípulos começou a sair pelas ruas de Lyon, visitando as casas, como também saíram pelas vilas vizinhas, anunciando a mensagem do Evangelho.

Pequenas igrejas começaram a ser abertas e aqueles que não podiam frequentá-las por causa da distância, podiam ouvir a pregação em locais públicos. A leitura das Escrituras e o apego às mesmas se tornou marca tão distintiva do movimento que ganharam o apelido de “o povo da Bíblia”, conforme o seguinte relato:

Narra um inquisidor haver visto um camponês que sabia vinte capítulos do Evangelho, por ter vivido um ano com uma família valdense, e vários leigos que recitavam de memória quase todos os Evangelhos de Mateus e de Lucas, sobretudo as palavras dos discursos de Nosso Senhor. Por isso, bem mereciam os valdenses o apelido de povo da Bíblia (JOURDAN, 1901, p. 17).

Em 1250, um inquisidor, Esteban de Borbón, disse que a preocupação fundamental de Valdo era o conhecimento dos textos sagrados.¹⁸ Alguns documentos constantes da Bíblia (livros e epístolas), do Antigo e do Novo Testamento (este completamente), foram traduzidos e entraram em circulação pelo esforço do “Reformador de Lyon e pelos Homens Pobres de Lyon”. Isso foi um feito inédito, não somente porque puderam ter acesso ao texto bíblico, mas porque “a população, desde as pessoas comuns de Lyon, ouviu, *pela primeira vez na vida*, em sua própria língua, a exposição da Escritura anunciada por aqueles pregadores” (GILLY, 1841, p. 50; ênfase acrescentada por nós).

No entanto, o movimento iniciado por leigos desautorizados não demoraria em sofrer resistência do clero católico. Após cinco anos desde que essas coisas começaram a acontecer, os monges e clérigos de Lyon se mostraram hostis a Pedro Valdo e o ambiente se tornou perigoso para ele.

Valdo, impossível de ser contido em seu ardor, passou a pregar sem as autorizações devidas da Igreja, e tanto ele quanto seus discípulos foram advertidos a não anunciar, nem ensinar ou pregar em nome de Jesus em língua popular, o provençal. Assim como Pedro e João diante do Sinédrio judaico em Jerusalém (cf. Atos 4), desde então chamaram a atenção do clero lionês (THOMÉ, 2004, p. 94) e foram instruídos a não anunciar aquele Jesus publicamente (GILLY, 1841, p. 51).

¹⁸ Pioli, J. Javier. “Iglesia valdense en el Río de la Plata: de la nostálgica diáspora al sendero próprio”. In Bezerra Carvalho, 2021, p. 114.

A pena de excomunhão foi anunciada caso insistissem em desobedecer. E foi o que Pedro Valdo e seus discípulos fizeram. John de Bellesmains, arcebispo de Lyon em 1181, foi quem proferiu a excomunhão após a insistência do grupo nessas atividades. A Ordem, se podemos chamá-la assim, foi privada de toda atividade religiosa, o acesso a qualquer parte da Igreja foi negado, como também negados o batismo das crianças e dos novos discípulos; foi vedado o enterro dos seus mortos nos cemitérios naturais para cristãos, foram proibidos os casamentos e, o mais avassalador, os seguidores de Pedro Valdo foram banidos das dependências da cidade. O Papa Lucio III (1181-1185), por fim, confirmou a excomunhão em 1184, que foi reforçada no Concílio de Latrão, em 1215 (GILLY, 1841, p. 51).

Valdo não visualizou qualquer possibilidade de retratar-se, uma vez que estava consciente de suas ações serem as mais corretas diante de um clero corrompido. A alternativa foi ele mesmo assumir a liderança do grupo formando um novo corpo religioso, à parte da igreja institucionalizada, que era contrária aos novos costumes. Pouco a pouco a maneira como Valdo lidava com as questões da fé ganharam adesão das populações em outras regiões e as doutrinas dos reformadores lionenses encontraram abrigo entre esses povos, cansados e inconformados com a situação da Igreja oficial.

Exilados, os “Homens Pobres de Lyon” foram abrigar-se nas regiões da Lombardia e de Provença, onde foram recebidos amigavelmente por pessoas que desposavam de ideias semelhantes às suas. Essas comunidades estavam de cada lado dos Alpes Cócios, que ficou historicamente conhecido como o território dos valdenses. Lá, no entanto, mantiveram e desenvolveram em relativa segurança suas ideias, sendo considerados, no entanto, inimigos da Igreja.

Eles não chegaram a se constituir uma única comunidade, mas habitaram espalhados na região, sem aderirem ou se identificarem com nenhuma comunidade (ou povo) especificamente. A adesão de “todos aqueles que abraçaram suas ideias às vezes o faziam abertamente, outras vezes secretamente, mas nunca em número suficiente ou em uma força local, para constituir uma igreja” (GILLY, 1841, p. 53-54).

Valdo morreu sem que se soubesse quando ou o lugar onde isso aconteceu. As diversas hipóteses da pesquisa feita por Laura Thomé. (Thomé, 2004, p. 95-6) Ernesto Comba, historiador e autor de *Historia de los Valdenses*, considera que tenha morrido na Boêmia em 1217. Na Boêmia, teve o seu nome associado a outro pré-reformista local, Jan Huss.

Este não recebeu nenhuma influência direta de Pedro Valdo, mas pode-se supor que indiretamente seu protesto esteja ligado ao dele, uma vez que Huss estava na Boêmia, precedendo o reformador inglês John Wicliff, que por sua vez teria tido [alguma] relação aos discípulos de Valdo, que foram para a Inglaterra (COMBA, 1987, cap. IX).

Seu nome, no entanto, se tornou emblema de grupos que agiram na esteira de seus impulsos reformadores, ou divisionistas e heréticos, dependendo da perspectiva, sendo dado a “qualquer seita que protestasse contra a usurpação papal” (GILLY, 1841, p. 54). Nada disso, no entanto, passou sem uma triste marca do catolicismo medieval: a perseguição.

A perseguição que durou por 200 anos e varreu da Europa todo aquele que era chamado valdense, exceto nos territórios subalpinos, foi um ultraje acima da humanidade, e fixou um estigma indelével na Igreja de Roma. Seu orgulho ofendido foi satisfeito com nada menos que a breve morte, sempre que ela pudesse fazer com que isso fosse infligido aos que ousavam contestar sua autoridade papal; e [o dominicano] Estevão de Borbone, relata, sem um sopro de compunção, que ele estava presente quando 80 da seita de Valdo foram condenados às chamas. Albericus, o cronista, afirma que o número foi de 182, e fala disso como sacrifício de um cheiro doce, aceitável para o Senhor – “Holocaustum placabile Domino (GILLY, 1841, p. 54, nossa tradução).

Paradoxalmente, nos registros históricos não há qualquer apontamento autêntico sobre imoralidade ou qualquer outra acusação que desabone a vida de Valdo e de seus discípulos. A má fama que insistia, e prevalece até hoje, contra suas práticas e procedimentos, no final têm sido uma visão parcial, calúnias produzidas e postas em circulação pela Igreja de Roma, por escritores católicos, que de posse da pena que escreveu a história fixaram suas opiniões como verdades inquestionáveis. “A acusação registrada pelas *Chronicle of Laon* falam da desobediência de pregar sem a devida permissão e o escândalo que isso provocou” (GILLY, 1841, p. 54).

Walter Map, teólogo inglês que esteve presente em Roma quando Valdo apelou ao papa, ironicamente se expressou com adjetivos negativos sobre “o Valdessi que queria reformar a Igreja”, “idiotas sem utilidade” (inepto), com “pés descalços”, “indigente” e “analfabeto”, indigno de ser notado. Lamentavelmente, Map não foi capaz de usar uma só palavra contra a moralidade do lionense. (Gilly, 1841, p. 55) “Com o objetivo de ridicularizar os valdenses, [...] Walter Map utilizou distinções sutis que eles não puderam compreender”. Essa sutileza a que Map submeteu os valdenses foi levá-los a responderem que Maria era a mãe de Cristo, em vez de a mãe de Deus. Isto era uma sutileza teológica que somente os acadêmicos poderiam dar atenção (GONZALEZ, 2004, p. 180).

Há, em vez disso, uma expressão atribuída a Valdo, de que teria admitido que perseveraria na sua fé e estaria pronto a morrer por ela, em vez de negar o Senhor Jesus Cristo. Outros escritores produziram textos procurando difamá-lo, mas sempre o acusando de pregar sem autorização ou por não ter educação formal, por ser um apóstolo sem uma missão e um professor sem aprendizado, mas nunca com qualquer acusação sólida contra a sua vida moral.

Moneta, que escreveu uma história dos valdenses meio século após esses acontecimentos, mesmo sendo um inquisidor e amigo de Domingos de Gusmão (fundador da Ordem Dominicana), e “condenasse os hereges às chamas [...] escreveu quarenta páginas foliares em defesa da perseguição, admite que os valdenses ainda respeitavam a validade da ordenação romana, receberam o Antigo bem como o Novo Testamento e não deram rédeas à licenciosidade” (Gilly, 1841, p. 56). Do mesmo modo Pedro, o monge de Vaux de Cernay, norte da França ...

[...] que escreveu em 1217 e foi ardente defensor da total extinção pela fogueira e pela espada de todos os Albigenses, mencionou o nome de *Waldius*, o fundador da seita dos hereges chamados *Waldenses*, sem uma sílaba de reprovação; e declarou que o principal erro de todos os cismáticos era ter “uma

artificial imitação dos apóstolos, recusa em prestar juramento, negar o poder do magistrado para infligir o castigo da morte e presumir, porque calçavam sandálias, de celebrar a eucaristia sem uma ordenação episcopal” (GILLY, 1841, p. 56).

O rito ortodoxo grego dizia que “as sandálias eram as marcas da dignidade”. Os valdenses foram chamados, erroneamente, de “xabatati” e “sabatati”, termo que deriva de *sabot*, uma sandália (GILLY, 1841, p. 56). Fora isso, da perspectiva da igreja pós-Reforma, não estranhemos essas indicações iniciais que foram consideradas práticas contrárias ao *establishment*, mas que hoje, poderíamos dizer, são distintivas de tradições constituídas fora do romanismo católico. Em outras palavras, para os católicos, os valdenses são hereges, mas isso se dá porque suas crenças e ensinamentos estão alinhados ao que pode ser notado nas mentes mais brilhantes da Reforma protestante.

Embora essa introdução sobre o personagem a que a tradição atribui a sorte de ter sido o mentor, ou ao menos ter emprestado seu nome e sua fama a um grupo de cismáticos, há um paradoxo presente na sua história. Pedro Valdo não é, aparentemente, o nome que identifica o grupo que reconhecemos por valdenses. Como já indicamos, a origem de seu nascimento é incerta, e mais obscura é a data de quando ele ocorreu.

Mas o grupo que, à primeira vista, tomou corpo maior e marcou a história da Igreja tem suas origens remontando a tempos precedentes, ao menos quando consideramos o século XII como referência para as datas da vida de Valdo e o período do papado de Alexandre III (c. 1105-1181) e Lucio III (1181-1185), seus contemporâneos. O Imperador Lucio III é apresentado na obra *La Baja Edad Media* como tendo apoiado o papa no combate a heresia da seguinte forma: “para amansar o novo papa Lucio III (1181-85) Federico apoiou-o na repressão dos cátaros e valdenses, grupos de hereges e dissidentes sobre o catolicismo ortodoxo” (THOMÉ, 2004, p. 57-8; nossa trad.).

Assim, apresentaremos os valdenses a partir de uma perspectiva geográfica e histórico-temporal distinta da vida do nome de Pedro Valdo, fazendo a ressalva de que em ambos os casos, na vida do reformador lionense e do grupo que se formou na região dos Alpes Cócios, no Piemonte (entre a França e a Itália), há inúmeras coincidências sobre o comportamento e os posicionamentos religiosos assumidos.

Origem e história inicial dos valdenses

Os principais historiadores que se dedicaram à história dos valdenses são praticamente unânimes: não há certeza e não é possível determinar precisamente quando se tornaram conhecidos como “valdenses”, nome pelo qual têm sido conhecidos desde o século XII. Do mesmo modo acontece com a ortografia e a pronúncia corretas do nome. No entanto, eles têm sido

erroneamente identificados como tendo derivado dos discípulos de Valdo “o reformador Lyonense”, um rico mercador que doou a sua fortuna e fez voto de pobreza. Esses discípulos, no entanto, tendo fugido de Lyon, refugiaram-se com as pessoas de “princípios religiosos similares”, que entraram para a história sob o nome de *Vaudois* e *Waldenses* contemporaneamente com Valdo (GILLY, 1841, p. 2).

Quanto aos traços geográficos, o grupo é formado por cristãos da região subalpina, que se tornaram conhecidos por protestarem contra os erros de Roma, cujas atividades constam de registros eclesiásticos ainda em data muito anterior.

Ainda em 827 A.D. se pode identificar a ocorrência do adjetivo *Vallensemque*, que é derivado de Vallis. Em 1019 A.D. lemos *Valda* como indicação geográfica estrangeira, considerando tratar-se de uma região da Itália (ainda não existia o moderno conceito de nação, como hoje). Em 1100 surgiu *Vaudrès* em *Nobla Leyczon* (*Lições Nobres*, trad. livre), obra que pretendeu reunir as doutrinas dos valdenses (anteriores a Lutero) já em tom de censura. “[O] Nobla Leycon [...] prova que os valdenses do Piemonte não devem a sua ascensão a Pedro Valdo de Lyon [...] não apareceu até a segunda metade desse século (1169) [...] embora um poema, é, na realidade, uma confissão de fé” (WYLIE, 1860, p. 5).

Dito serem os maiores inimigos dos valdenses, “Claude Seyssel de Turim (1517), e Reynerius, o Inquisidor (1250), admitiram a sua antiguidade [dos valdenses], e os estigmatizaram como ‘os mais perigosos de todos os hereges, porque eram os mais antigos’” (Wylie, 1860, p. 5-6, ênfase acrescentada). E ainda:

Rorencio, Prior de São Roque, Turim (1640), foi contratado para investigar a origem e antiguidade dos valdenses e, claro, teve acesso a todos os documentos valdensianos, e sendo o seu grande inimigo, ele pode presumir ter feito o seu relatório o mais desfavorável que pudesse. No entanto, ele afirma que “não eram uma nova seita, dos séculos nono e décimo, e que Cláudio [bispo] de Turim deve ter os destacado da Igreja no século IX” (WYLIE, 1860, p. 6).

Em 1210 A.D., o nome *Vaudres*, também em tom de censura, apareceu em um antigo poema provençal, apenas para citar algumas das citações de nomes relacionados, direta ou indiretamente, com o grupo ou movimento. Há outras citações e anos, como *Vallenses* e *Valle* (1198), *Walde* (1200), *Valdres* (1210) *Waldenses* (1218, apelido de Waldio), e, finalmente, *Valdensen* e *Valdensam* (1220), aplicado aos refugiados lyoneses propriamente ditos.

O autor de *Nobla Leyczon* (1100) e *Moneta* (in *Moneta contra Catharos et Valdenses*), atribui o apelido *Vaudès* e *Lombardi Pauperes* (Pobres Lombardos, trad. livre) a uma era anterior a Valdo como se ouviu posteriormente. Uma crônica manuscrita encontrada no monastério de Corvey, aparentemente datada originalmente do início do século XII, fala de certos habitantes dos Alpes que “se agruparam antigamente”, “que aprenderam passagens das Escrituras de ouvir, que rejeitaram alguns ritos da igreja, às quais chamaram novidades e rejeitaram a adoração de imagens ou qualquer pagamento por recompensas a relíquias” (GILLY, 1841, p. 4). Não por acaso, tais características, além de outras mais, sempre foram atribuídas ao grupo que descrevemos aqui.

Em 1127, Pedro o Venerável, abade de Cluny, escreveu uma carta ao clérigo da diocese de Embrun (no sudeste da França), que se estendia a ambos os lados dos Alpes Cócios, e compreendia diversos vales no Piemont. Nesta carta, o abade disse que as doutrinas contra adoração de imagens, a adoração da cruz, orações pelos mortos e a presença corporal [de Cristo] na eucaristia, que tinha suas raízes nas vilas e lugares remotos daquela diocese, e que eram ‘indígenas dos frios Alpes’, se espalharam por todo o sul da França. Rejeitam adoração de imagens, invocação de santos, necessidade de confissão auricular, a obrigação do celibato, supremacia e infalibilidade papal, a doutrina do purgatório, professando a Escritura como única regra de fé, crendo na Santa Trindade, no pecado original, na redenção e mediação somente de Cristo, na justificação pela fé, nos dois sacramentos do batismo e da Santa Ceia e na ordenação apostólica das ordens sagradas (GILLY, 1841, p. 5).

Outros dois documentos históricos, um do ano 1364 e outro de 1375, confirmam a chamada “heresia Valdesi”, que havia sido consolidada na região dos vales da diocese de Embrun e de Turin, “mais de 200 anos antes”, tendo, assim, uma data que remonta a um ponto no tempo anterior ao surgimento da “alegada heresia” do tempo de Valdo. Isso evidencia a falta de conexão direta entre o homem e o grupo aparentemente sinônimos.

William S. Gilly (1789-1855), um dos historiadores que trabalhou com Valdo e os valdenses, acredita que os equívocos de atribuir aos valdenses a pecha de heréticos se deve a má interpretação que as pessoas próximas fizeram de suas doutrinas, bem como a má fé dos inimigos. Além disso, a destruição dos documentos da comunidade, ao longo de inúmeras perseguições pelas quais passaram, contribuiu para a imagem distorcida que receberam. Quanto a má compreensão dos posicionamentos do grupo, pensamos ser razoável, dado o baixo nível de conhecimento teológico, uma marca da população. Não eram muitos os versados nas letras.

A rigor, a história dos valdenses pode ter sua origem remontada a “um curioso material [...] na história dos Cristãos Góticos do quinto século, e suas relíquias na França e Itália” (GILLY, 1841, p. 9). Gilly dividiu a história dos valdenses em três períodos e sobre o terceiro diz que na livraria da Universidade de Genebra há um conjunto de manuscritos sobre os valdenses, que cobre o período entre os séculos XII e XIV, mas que pode ser uma interpolação de textos mais antigos, o que empurraria a origem do grupo para data mais longínqua.

Ludwig Keller (arquivista e historiador alemão que pesquisou a Reforma) desenvolveu a teoria de que os anabatistas eram uma extensão dos valdenses, dos irmãos boêmios e de outros grupos aos quais chamou “as antigas irmandades evangélicas” (ESTEP, 2017, p. 25).

Laura Thomé apresentou duas hipóteses para a origem do nome dado ao grupo. (Thomé, 2004, p. 88) Não consideramos, *a priori*, que o nome seja derivado diretamente de Pedro. Ambas as hipóteses consideradas por Thomé surgem a partir do *Dictionnaire Critique de Theologie*, no verbete *vaudois*, de Franco Giaccone. A primeira hipótese, a mais comum, é a que considera que valdenses (*vaudois*) deriva de Valdès, o “fundador” do grupo. Como vimos, considera-se a diferença na grafia mas supõe-se ter o mesmo fundador. Este, por sua vez, teve o

[...] prenome Pedro [grafado] apenas na segunda metade do século XIV, quando aparece em cartas trocadas entre valdenses da Lombardia e da Áustria, justificando-a no desejo desses seguidores fazer retroceder a origem histórica do movimento aos tempos apostólicos, já que reivindicam a sucessão apostólica de acordo com as Escritura (THOMÉ, 2004, p. 88).

A segunda hipótese é mais difícil de aceitar embora seja mais comum nos meios protestantes, como a própria pesquisadora indica. A “historiografia confessional protestante”, segundo ela, abraça “a ideia de que o movimento se originou por volta do século II, nos vales alpinos e piemonteses, donde teria se originado não só o nome da seita, mas também o de Valdès, um topônimo para um seguidor como tantos outros”.¹⁹ Nós ficamos com a segunda possibilidade, pois consideremos temerária a afirmação categórica de que Pedro Valdo seja quem deu origem ao grupo,²⁰ uma vez que há indícios do surgimento de um movimento subalpino anterior ao personagem.

O surgimento e a consolidação do movimento dos valdenses podem ser reputados, primeiramente, à corrupção moral dos clérigos da igreja dominante e depois pela excomunhão.

Laura Thomé afirma que, ao reagir, a população estava “abominando o luxo e a riqueza da Igreja, apontando-os como sinais da corrupção do clero e da necessidade de reformas [mais] do que a contestar dogmas da fé católica”. As supostas heresias era “pregar a volta da cristandade ao modo de viver das primeiras comunidades cristãs. A saída adotada pela cúpula da Igreja foi orientar “os bispos quando em visita a suas paróquias a procurem não ostentar riqueza, limitando o número de cavalos em suas comitivas, abstendo-se de levar cães e falcões e contentando-se com uma alimentação suficiente, porém simples” (THOMÉ, 2004, p. 109). Esperava-se que com isso enfraqueceriam “o discurso dos pregadores pobres”.

A depravação do clero nos períodos entre os séculos XI e XIII já está bem documentada. Soma-se a isso a invasão dos árabes muçulmanos (chamados na região de saracenos) nos Alpes Cócios, e a Igreja perdeu o domínio na região, sendo que a regularização de sua situação sob a autoridade católica aconteceu por meio dos mosteiros e das paróquias distantes, uma vez que os vilarejos não tinham uma superintendência pastoral regular. Isso perduraria até que, finalmente, as ideias defendidas pelos valdenses se tornassem mundialmente conhecidas como protestantes (GILLY, 1841, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o século III, no Egito, ascetas como Antônio ou Antão (250 a 356 d.C.), Pacômio e Simão Estilita, e outros tidos como os primeiros pais ou padres do deserto, iniciaram um

¹⁹ Alexandre Berard também menciona hereges nos vales ainda no século III. *Les Vaudois, leur histoire sur les deux versants des Alpes du IV siècle au XVIII*. Lyon: A Storck Éditeus, 1892, p. 19.

²⁰ É o que faz, a nosso ver, equivocadamente, e.g., Eddie Hyatt, em obra recentemente publicada no Brasil: “Os valdenses tiveram origem em Pedro Valdo [...]” (HYATT, 2021, p. 94).

movimento de retirada da sociedade para afastar-se visando a busca espiritual mais intensa, longe do sistema eclesiástico que começa a dar os primeiros sinais de enrijecimento e esfriamento espiritual. Os séculos passaram e até mesmo esse sistema de “protesto” contra a ordem hierárquica formal assumiu, ele mesmo, suas próprias estruturas viciadas, quando mosteiros deixaram de ser refúgios e centros de excelência para dar lugar a um espírito de arrogância e vaidade intelectual.

Como vimos, a igreja nunca deixou de ter seus “inconformados”, quer individualmente, quer coletivamente, por meio de movimentos, certamente dirigidos pelo Espírito, dos quais os valdenses são um deles. Hoje, as igrejas valdenses na Itália são numerosas e as estatísticas dão conta de haver uma parcela significativa da população do país professando essa tradição cristã. No total, na Itália, existem cerca de 30.000 membros e 120 igrejas valdenses [...] outro importante núcleo valdense está atualmente presente na América do Sul, principalmente entre o Uruguai e a Argentina, onde residem cerca de 15.000 fiéis. Aqui, as igrejas valdenses estão organizadas na “*Iglesia Evangelica del Rio de la Plata*”.²¹ Isso demonstra que toda a luta e o ter suportado as perseguições, inúmeros martírios e difamações valeu a pena.

Ao menos num sentido, a história dos valdenses se constitui num microcosmo de toda a Igreja, ao reunir, na história de um pequeno grupo, as idiossincrasias, os dilemas, os enfrentamentos, a má compreensão dos de fora, mas também a perseverança, a consciência cristã, o compromisso com os valores do Evangelhos, o fervor espiritual e tantas outras virtudes.

²¹ Disponível em <<https://www.valdesidicalabria.org/la-comunita-valdese-oggi/>> e acessado em 10.12.2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Leonildo Silveira. “As Origens Norte-americanas do Pentecostalismo Brasileiro: Observações sobre uma Relação Ainda Pouco Avaliada”, in PEREIRA, João Baptista Borges Pereira (org.). *Religiosidade no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.

COMBA, Ernesto. *La historia de los valdenses*, trad. Levy Tron e Daniel Bonjour. Barcelona: Clie, 1987.

ESTEP, William R. *A história dos anabatistas, uma introdução ao anabatismo do século XVI*, 3ª ed. revisada e ampliada. Monte Sião: LMS, 2017.

GILLY, W. S. *Valdenses, Valdo, and Vigilantius*, being the articles under these heads in the seventh edition of The Encyclopaedia Britannica. Edinburgh: Adam and Charles Black, 1841.

GONZALEZ, Justo L. *A Era dos Altos Ideais*, v. 4, Col. Uma História do Cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 1981.

HYATT, Eddie. *2000 anos de cristianismo carismático*. Natal: Editora Carisma, 2021.

JOURDAN, Luis. *Compendio de Historia de los Valdenses*. Contiene una relación detallada de sus colonias en América y numerosos grabados. Colonia-Valdense (Uruguay): Tipografía Claudiana, 1901.

SHERRILL, John L. *Eles falam em outras línguas*; trad. João Marques Bentes. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

THOMÉ, Laura Maria Silva. *Da ortodoxia à heresia: os valdenses (1170-1215)*, Dissertação apresentada ao Departamento de História. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2004.

WYLIE, J. A. *A história dos valdenses*. London: Cassell and Company, 1860.